

RAUL POMPEIA E "O ATENEU"

(Ensaio de interpretação psicanalítica e estilística)

T E S E

APRESENTADA À COLENDIA CONGREGAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II

POR

PETRÔNIO MOTA

CANDIDATO A UMA CÁTEDRA DE PORTUGUÊS

RIO DE JANEIRO

1 9 5 4

RAUL POMPEIA E "O ATENBU"

(Ensaio de interpretação psicanalítica e estilística)

TESE

APRESENTADA À COLETA CONGREGAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II

POR

PETRÔNIO MOTA

CANDIDATO A UMA CÁTEDRA DE PORTUGUÊS

RIO DE JANEIRO

1954

ANTELOQUIO

"Todas as manifestações artísticas incluem aparências externas de fatos psíquicos internos; ao ponto de poder afirmar-se que a arte é a expressão simbolizada de conflitos íntimos, recalcos, inconscientes."

J. F. PORTO-CARRERO.

É muito tempo, era nosso propósito elaborar uma interpretação psicanalítica e estilística da obra-prima de RAUL D'ÁVILA POMPEIA — "O A T E N E U"

Para a consecução desse desiderato, temos empreendido árduas pesquisas, quer nas admiráveis páginas dessa "Crônica de Caméades", quer através da Biografia de Raul Pompeia, quer per-lustrando as melhores obras dos principais tratadistas de psicanálise.

Préviamente, reconhecemos não nos satisfazer ainda o nosso trabalho: exigia mais perfeito amadurecimento.

Entretanto, o ensejo de um concurso para a honrosíssima cátedra de Português do Internato do Colégio Pedro II deu-nos o ânimo indispensável para arrestar contra todos os óbices possíveis, não só os que proviessem de nossos ilustríssimos examinadores, mas ainda os originados de nosso próprio desagrado.

*arrestar: olhar de frente, encarar
sem medo, afrontar.*

Se é indubitável que toda obra de arte tem uma gênese psicológica, sendo, portanto, passível de interpretação psicanalítica, nenhum autor melhor se prestaria para um estudo dessa natureza do que RAUL D'AVILA POMPEIA cuja vida íntima nos revela estranhas neuroses e vários complexos que transparecem a todo momento em sua obra e, principalmente, no "Ateneu".

Bis, em traços gerais, a razão da nossa escolha.

Não podemos deixar de lamentar a carência de estudos psicanalíticos sobre autores da literatura Brasileira e, em especial, acôrca da obra de Raul Pompéia. Já Otto Maria Carpeaux assinala esta lacuna: "... a Bibliografia sobre Raul Pompéia é estranhamente escassa." (Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira, pág. 171). Acresça-se, ainda, que bons trabalhos não nos foi possível obter, como, por exemplo, a série de 19 artigos de Tristão de Alarique Júnior, publicados sob o título de "Raul Pompéia, o Ateneu e o romance psicológico", na revista "Novidades", em 1938 e 1939.

Para uma análise psicanalítica, deve-se ter em vista a admirável lição de Charles Baudouin, in "Psicoanálisis del Arte", na cuidada tradução espanhola de Marcos Fingerit:

"La obra no es únicamente, como los primeros psicoanalistas del arte lo enseñaran, una expresión de complejo. Es ante todo una reacción contra un "estímulo" presente o reciente, contra una situación dada. Esta reacción pone en juego ciertos complejos, a menudo muy primitivos. Pero no se limita a ser un movimiento regresivo. Se esfuerza por asimilar la situación presente, por establecer entre ella y los complejos existentes relaciones armoniosas e imprevistas, darle una respuesta adecuada. No es tan sólo un estado, sino un acto. Se comprende que tengamos

que asignarle un papel biológico, una función o más bien funciones, y que nos cuidemos bien de reducir estas a fórmulas demasiado simples." (Pág. 143).

Para analisarmos mais perfeitamente a obra de Raul Pompéia, traçamos um plano que, a nosso ver, nos permitirá meios para consubstanciar o objetivo visado. Assim, delinearemos a gênese do naturalismo e o seu aparecimento na literatura brasileira, esboçaremos a biografia de Raul Pompéia, falaremos da sua obra em geral, principalmente de "O Ateneu", e, finalmente, estudaremos os vários aspectos psicanalíticos e estilísticos que encontramos em sua obra-prima.

Se, malgrado nosso, esta tese se ressentir de graves imperfeições, só nos resta dizer como Garcia de Resende:

"O caminho fica aberto
a quem mais quiser dizer
.....
pois eu mais não sei fazer."

GÊNESE DO NATURALISMO

"L'école naturaliste affirme que l'art est l'expression de la vie sous tous ses modes et à tous ses degrés, et que son but unique est de reproduire la nature en l'amenant à son maximum de puissance et d'intensité: c'est la vérité s'équilibrant avec la science."

Castagnary.X

Assim como o romantismo surgiu como um movimento de reação à escola clássica, os seus excessos lhe provocaram a queda, permitindo o aparecimento de uma nova escola — o Realismo.

Os realistas passaram a repelir a literatura subjetivista, substituindo-a por um objetivismo com base na ciência e na observação dos fatos reais da vida humana. Esse movimento literário em busca da realidade total criou o romance documental. Assim, o romancista, valendo-se da permanente observação dos fatos que consegue acumular, cria a sua obra de arte dando-nos a impressão de que a sua narração é fundada na realidade. Com a aceitação dos novos processos literários, estava consolidada a nova escola literária — o Realismo. Foi a partir de 1850, que a nova escola passou a substituir o subjetivismo, o individualismo, o

egocentrismo, característicos próprios da escola romântica, pelo objetivismo e pela impersonalidade do artista. Não se pode negar que desse modo havia um retorno ao espírito clássico, diferenciando-se dele apenas porque observa e reproduz a natureza inteira, exatamente como ela pode ser vista, nada lhe tirando nem acrescentando, encarando-a externa ou intimamente. Sente-se no escritor realista a preocupação de ser integral, de que a sua obra seja um documento, conquanto despreze algo da estética, em benefício da ciência. O escritor realista não se preocupa com tese alguma; cuida, apenas, de ser científico, pôsto que amoral, indiferente. Infim, o Realismo é, sumariamente, a fotografia nua e crua das paixões humanas, muitas vêzes exageradas com o propósito de reorganizar o real.

Mas o próprio realismo estava sujeito a uma evolução natural causada pelo progresso das ciências experimentais e pelo predomínio da doutrina positivista de Augusto Comte. Foi assim que, querendo os realistas apoiar-se mais diretamente na ciência, foram levados a experiências que determinaram o aparecimento do romance experimental: "c'est la vérité s'équilibrant avec la science." Surgia assim o Naturalismo.

A França teve, no romance, realistas como Barbey d'Aurevilly, que começou sua carreira de romancista aos 43 anos, em 1854, com l'Enfermelle; Gustave Flaubert, o mais notável dos realistas, com Madame Bovary, obra-prima da nova escola, que lhe valeu um processo; os Goncourts, Edmond e Jules; Eugène Fromentin, que foi célebre como pintor e cuja técnica se exprime pelo estilo; Honoré de Balzac, com a Comédie Humaine; Alphonse Daudet, com Tartarin de Tarascon; etc.

O primado do Naturalismo coube na literatura francesa a

Emile Zola que deu a seguinte definição de arte: "la nature vue à travers un tempérament". Ele procurou as mansardas de Paris e, com minúcias vexatórias, desnudou as podridões humanas: as taras, vícios de toda a natureza, o alcoolismo, crimes bárbaros, prostituição, etc.

Das letras portuguêsas, avultam Eça de Queirós que estreou no Realismo com o "Crime do Padre Amaro", admirável romance da vida provinciana; Teixeira de Queirós que, sob o pseudônimo de Bento Moreno, publicou em 1875, "O Tio Agrelo"; Abel Botelho, em 1896, com os contos regionais — "Mulheres da Beira"; Júlio Lourenço Pinto, romancista magistral do Realismo, iniciou-se em 1879 com Margrida; etc.

A ESCOLA NATURALISTA NA LITERATURA BRASILEIRA

"No Brasil a tendência realista também nos últimos românticos já se manifesta. Encontramo-lo nas páginas descritivas de Taunay e nas idéias literárias de Franklin Távora, que, insurgindo-se contra o idealismo romântico entre nós e propondo nova interpretação do nacionalismo, iniciou, com C. Cabeleira, em 1876, a literatura regionalista do norte, continuada pelo realismo e mantida ainda, sem alterações de monta, em plena efervescência do modernismo.

"Com C. Bulcão, romance de Aluísio Azevedo, publicado em São Luís de Maranhão em 1881, introduziu-se no Brasil o gosto literário que sucedera na Europa ao romantismo. É não raro é encontrar-se nas obras de ficção de autores nossos, inclusive nas do iniciador da corrente, mais a semente do naturalismo de Zola que o sadio espírito realista."

X Clóvis Monteiro.

O Realismo, na literatura brasileira, bem como o Naturalismo, tiveram o seu batismo literário, respectivamente, com as seguintes obras: Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, e O Mulato, de Aluísio de Azevedo, ambas dadas à publicidade em 1881.

Machado de Assis já havia produzido romances antes, mas todos em moldes românticos. Assim, foram dados à publicidade os seguintes: Ressurreição (1870), A Mão e a Luva (1874), Helena (1876), Iaiá Garcia (1878).

Por sua vez, Aluísio de Azevedo só havia escrito, como romântico, o romance "Uma Lágrima de Mulher" (1880).

Compreende-se esse aparente atraso do realismo e do naturalismo no Brasil, se tivermos em vista que uma nova escola sofre, naturalmente, a resistência da precedente.

Henry Deyle, ou melhor, Stendhal, que publicou o seu primeiro romance, "Le Rouge et le Noir", em 1831, e o seguinte "La Chartreuse de Parme", em 1839, soube prever a data de aceitação de sua obra subordinada aos novos processos literários, dizendo: "J'aurai du succès vers 1880." Pode-se dizer que estas palavras foram proféticas para a literatura brasileira, pois só em 1881 surgem as duas primeiras obras, uma realista e a outra naturalista, como acima dissemos. É importante não esquecer, também, que Emile Zola só em 1880 publicou "Le Roman Expérimental" onde ele resume as suas teorias que lhe deram o cetro de chefe da escola naturalista.

Ainda na fase realista, produziu Machado de Assis os seguintes romances: Quincas Borba (1891), D. Casmurro (1899), Isaú e Jacó (1904), Memorial de Aires (1908).

Aluísio de Azevedo deu-nos ainda: "Memórias de um con-

denafo (1882), "Mistérios da Tijuca" (1883), "Casa de Pensão" 1882
 (1884), "Filomena Borges" (1884), "O Homem" (1887), "O Cortico"
 (1890), "O Coruja" (1890), "O Esqueleto" (1890), "A Mortalha de
Alzira (1893), "Livro de uma Sogra" (1895), "A Condessa Vésper" 1894
 (1902), etc.

Ainda no naturalismo, devemos situar Júlio Ribeiro, autor dos romances "O Padre Belchior de Fontes" (1876 - 1877) e "A Carne" (1888), romance naturalista que o apresenta como discípulo fidelíssimo de Emile Zola.

Raul Pompéia, que também pertenceu à escola, será estudado especialmente nos capítulos seguintes.

✓ *Camilla*

A VIDA EFÊMERA DE RAUL POMPEIA

"Se algum leitor já estôve a mirar um retrato de Raul d'Ávila Pompéia, houve de haver reparado naquêle olhar; seu olhar que exprime um não sei quê de idéia fixa, idéia que o impressiona, que lhe renôi o íntimo; idéia que lhe parece dizer: os embarços são grandes; mas, segue, prossegue, avança, faz. Essa a minha impressão ante o olhar de Raul Pompéia, um pessimista de vontade, de energia, de fôrça, embora; mas pessimista que via a morte por todos os lados, por todos os cantos e recantos, tanto que em suas obras, como notou Capistrano de Abreu, nem uma deixa de apresentar ao leitor o desenlace de qualquer das personagens."

✕ H. J. Barroso Campinhos.

Filho do magistrado Dr. Antônio d'Ávila Pompéia e da Sra. D. Rosa Teixeira Pompéia, nascia a 12 de abril de 1863, em Jacuocanga, município de Angra dos Reis, no Estado do Rio, aquê-

la cuja psicastenia lhe iria amargurar os poucos anos de vida —
PAUL D'ÁVILA POMPEIA.

A puerícia passou-a Pompéia fruindo os prazeres que lhe oferecia a paisagem da saudável fazenda do avô, em Angra dos Reis. Teria sido, talvez, a fase mais feliz de sua vida, não obstante a rigidez de trato que lhe dispensavam os pais. Durou dez anos essa vida despreocupada em contato frequente com a natureza que fez de Raul um contemplativo.

O Dr. Antônio d'Ávila Pompéia que havia abandonado a magistratura, sentindo aumentarem-se-lhe os encargos de família com o nascimento de terceiro filho, resolve voltar à atividade, porém não mais retornando à magistratura, mas sim reabrindo a sua bânca de advogado na capital do Império. Foi assim que toda a família se transportou para a Corte e o menino Raul se viu matriculado no afamado Colégio Abílio, dirigido pelo célebre educador baiano, o Dr. Abílio de César Borges, agraciado pelo imperador D. Pedro II com o título de Barão de Macaúbas. O Colégio Abílio, situado nas Laranjeiras, continuava, na capital do Império, as glórias já alcançadas pelo famoso Finásio Baiano por onde passaram, entre outros grandes vultos do Brasil, estudantes do porte de Antônio de Castro Alves e Rui Barbosa.

Que motivos teriam levado o pai de Raul Pompéia a matricular o filho num internato? Atraí-lo-ia a fama do Colégio Abílio? São perguntas às quais, até hoje, os biógrafos de Raul Pompéia não responderam.

Parece-nos que a vida de um internato encerra problemas gravíssimos para a educação da criança e, principalmente, para a dos adolescentes. O colégio interno jamais substitui os benefícios que se podem alcançar no aconchego do lar. Se o regime do

internato fôr de disciplina rígida, o estudante sofre gravíssimos danos morais; se predominar a excessiva benevolência, surge fatalmente a corrupção. É um eterno círculo vicioso. *Círculo vicioso?*

Raul Pompéia, em "O Ateneu", que é, de modo geral, a sua vida de criança e de adolescente romancada, registra a sua entrada no Colégio assim:

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta."

"Bastante experimentei depois a verdade d'este aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime de amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam." X

Mais adiante, reproduz as impressões desagradáveis da sua nova vida escolar:

"O internato! Destacada do concheio placentário da direita caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade."

O seu ingresso no Colégio Abílio se verificou em 1873. Na biografia escrita por Blóio Pontes sob o título "A Vida Inquieta de Raul Pompéia", aparece em fac-símile um boletim de aluno RAUL (sic) de Ávila Pompéia, no qual se encontram assentamentos que indicam que o menino tem Bom saúde, muito Bom procedimento,

estuda as matérias do 3º ano primário, aprende piano e, nas observações, que é menino de grandes esperanças. O Boletim está datado de 31 de Março de 1873 e assinado pelo diretor Dr. Abílio C. Borges.

Pompéia, já no Colégio Abílio, iniciou-se um jornal manuscrito, "O Archote", onde, a par de seus artigos e crônicas, se encontram admiráveis caricaturas, às vezes bastante irreverentes.

Foi primeiramente em "O Archote" e depois no "Eco Literário" que Pompéia iniciou a publicação dos primeiros capítulos de seu romance "Uma Tragédia no Amazonas" com o pseudônimo de Procopius. Dois anos mais tarde, em 1881, publicava-o em volume.

Em 1879, Raul Pompéia transfere-se para o Externato do Imperial Colégio de Pedro II, na antiga rua Larga de São Joaquim. Em 1880, concluiu o curso de Bacharel em Ciências e Letras.

No ano seguinte, matricula-se na Faculdade de Direito de S. Paulo. Passa-se, em 1885, para a Faculdade de Direito do Recife, onde concluiu, no mesmo ano, o curso, tendo feito, como era permitido, dois anos em um.

Desde S. Paulo, já havia ele ingressado definitivamente no jornalismo, emprestando a sua colaboração a "A Comédia" e à "Gazeta de Notícias". Em ambas, publicou diversos contos.

Emveredou pela política e foi Diretor da Estatística do "Diário Oficial" e da Biblioteca Nacional, quando era Presidente da República o Marechal Floriano Peixoto de quem era partidário acérrimo. O Presidente Prudente de Moraes demitiu-o da última de suas funções, a de Diretor da Biblioteca Nacional.

A morte prematura e violenta de Raul Pompéia contribui para explicar a sua psicastenia e os seus complexos. É importante que os fatos que a motivaram fiquem bem elucidados para melhor

* Gazetinha

compreensão da análise psicanalítica da sua obra.

Rodrigo Otávio que privou por bastante tempo com Raul Pompéia, presta-nos preciosas informações. Diz-nos êle:

"Assim, amigos teve Raul só fora de casa, nas palestras do botequim, nas rodas literárias. Na casa, muito poucos penetraram. Raros o viram no gabinete de trabalho e conheceram os segredos de sua existência de artista. Na vida aparente, na convivência passageira dos camaradas, apresentava êle o mais sensível contraste com o que era realmente sua vida. Cá fora, Raul era alegre, entusiasta, turbulento mesmo, nas expansões de alegria e de entusiasmo. Recolhendo-se a casa, era o isolamento, não levava consigo senão a tortura de um ideal não atingido."

("Minhas Memórias dos Outros", 1ª. série, pág. 262).

Que seria essa "tortura de um ideal não atingido"? (onde estaria a causa dessa introversão?

Continua mais adiante o mesmo autor:

"Da vida não conheceu senão êsse aspecto sombrio do esforço intelectual em prol da Arte e da Idéia. A cortina que abre para a cena alegre e folgazã não a descerrou êle. A única diversão a que se permitia era a palestra na roda dos confrades de letras e, no último período da existência, na dos correligionários na exaltação patriótica."

Com êsse admirável testemunho de Rodrigo Otávio, já temos meios para analisar o temperamento e o caráter de Raul Pompéia, à luz da psicanálise. Foi um melancólico, de psicose crônica oriunda de seu complexo de castração. Êle tentava a sublimação através da sátira caricatural e da ironia com que eram atinidas mesmo as pessoas que êle mais estimava.

Caricaturista exímio, nem a si próprio êle dispensava. In

"O Ateneu", êle expõe ao ridículo a pessoa do Dr. Abílio de César Borges. Ilustrou o seu romance com oito caricaturas de Aristarco, pseudônimo por êle criado para o Barão de Macaúbas.

Vejamos como êle nos apresenta o seu diretor:

"O Dr. Aristarco Argôlo de Ramos, da conhecida família do visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu romance de pedagogo. Bran boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à suatância, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido concurso de professôres prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em Leipzig, inundando as escolas públicas de tôda parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome Aristarco, inteiro e sonoro, conferencia-se ao pasmo venerador dos asfaimados de alfabeto dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão acitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. E engordavam as letras, à fôrça, daquele pão. Um benemérito. Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepções da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedraria, opulenteando a nobreza de todos os honoríficos berlogues." ("O Ateneu", págs. 8 e 9).

E vai por diante até a página 10 descrevendo irreverentemente a figura de Aristarco, que mais parece um truão.

No entanto, ao falecer o Dr. Abílio de César Borges, teceu-lhe Raul Pompéia justo necrológio que assim começa:

"Sábado (17 de janeiro de 1891) deixou de existir o Dr.

Abílio de César Borges, Barão de Macaúbas, que foi com justiça o mais considerado dos educadores da sociedade brasileira. Cheio de entusiasmo pelas reformas liberais do ensino o diretor do afamado Ginásio Baiano e do Colégio Abílio, foi um propagandista ardente e efficacíssimo do melhoramento das condições do ensino primário e secundário; e os consideráveis estabelecimentos, que por longos anos sob a direção dos seus ativos e zelosos cuidados distribuíram educação e ensino a um sem número de rapazes, poderão em todo o tempo, ser admirados como modelos e mais perfeitos, que na melindrosa espécie pedagógica dos internatos se conseguiria instituir. Significando uma fecunda existência de trabalhos e dedicação pela causa sagrada da educação popular, seu nome será lembrado em grata e luminosa recordação." (Apud Elói Pontes, "A Vida Inquieta de Raul Pompéia", pág. 25).

Esse necrológio, segundo nos informa Elói Pontes, foi publicado no "Jornal do Comércio" onde Raul Pompéia redigia uma seção intitulada "Lembranças da Semana".

Apesar dessa nobre atitude de Pompéia, a sua sátira contra o Aristarco de "O Ateneu" continuou a desagradar os admiradores e discípulos de Abílio de César Borges e um deles, Eduardo Ramos, quase setuagenário, na Academia Brasileira de Letras, procurando redimir a memória ultrajada do seu mestre, disse:

"Dr. Abílio (pai), o educador de duas gerações, é exposto por Pompéia como um charlatão ignóbil, cuja cupidez se emplumou na cortesia para explorar a sociedade no mercantilismo da educação, em um tráfico cínico de 40 anos ...

"Erro de biógrafo; o erro de sociólogo. Erro clamoroso de biógrafo, porque o Dr. Abílio de César Borges foi o renovador da educação coletiva no Brasil."

E mais adiante:

"Raul Pompéia, entretanto, lança-se a êsse homem e o esquarteja. Para requintar o suplício, despe-o primeiramente, e lhe tatua o corpo de estignas.

"Ora, nem por ser de curo o estilete, se deve absolver o braço do matador. Nada mais danoso à reputação de um artista que embriagar sua fantasia, para fazer dela a pregoeira de seu gênio. Isso lhe faz correr o risco da impudência. A glória buscada no vilipêndio mata o escritor, como as drogas tóxicas matam, por fim, aquêles que confiam a seus artifícios o semblante da beleza."

A psique de Raul Pompéia se revela perfeitamente através do seu romance. Nêle, conquanto sob nome suposto, expõe a ridículo o Diretor do Ateneu, ao passo que deixa transparecer uma afeição bastante acentuada pela esposa de Aristarco, à qual dá o nome de D. Ema. Sérgio, o menino que o representa no romance, adoece e passa a receber os cuidados maternos de D. Ema. Leamo-lo para confirmação:

"Junto da cama, D. Ema comevia-se, mirando a prostração pálida, ao reabrir os olhos de um dêsse períodos de sono dos enfermos, que tão bem fingem de morte. Tirava-me a mão, prendia nas dela tempo esquecido; luzia-lhe no olhar um brilho de pranto. A alimentação da dieta era ela quem trazia, quem servia. Às vòzes por gracejo carinhoso queria levar-me ela mesma o alimento à bôca, a colherinha de sagu, que primeiro provava com um adorável amoo de beijo. Se precisava andar no aposento para mudar um frasco, entreabrir a janela, caminhava como uma sombra por um chão de paina.

"Eu me sentia pequeno deliciosamente naquele círculo de conchego como em um ninho."

Fois bem, um moço que assim escreve, que se biografa, ainda que, indiretamente, de tal maneira, parece jamais ter tido uma aventura com mulher. Desconhecem os seus mais íntimos amigos e admiradores qualquer vislumbre de amor feminino. Qual poderia ter sido a causa? Sente-se em sua obra inegável tendência amorosa, o que revela grande necessidade de expandir o seu afeto. Hoje, porém, já não se pode ter mais dúvida em face da informação colhida por Rodrigo Otávio. Eis o que êle nos diz:

"Sei agora que uma razão de ordem fisiológica o jungia à fatalidade dessa atitude. Nas últimas semanas de vida do saudoso Gregório da Fonseca, estando eu a escrever estas páginas, conversei com êle em nossos encontros na Academia, acêrca de Raul Pompéia. Eu tinha conhecimento antigo que a distinta família Valdetaro, em que Gregório entrara pelo casamento, havia entretido relações de amizade com a família Pompéia, de que apenas restam hoje um irmão e um sobrinho de Raul. Pensei que fôsse possível que o meu confrade pudesse dar-me alguma informação interessante. E não me enganei. Gregório estava bem ao par de circunstâncias da vida e da morte de Raul e, confirmando quanto a respeito eu lhe narrara, contou-me mesmo coisas que eu ignorava.

"Foi assim que êle me disse que o velho Dr. Alfredo Camilo Valdetaro, ilustre médico, de grande clínica em todo Eotafogo, tio paterno de sua senhora e que fôra, por muitos anos, o médico da família Pompéia, narrara-lhe que, certo dia, Raul appareceu-lhe em sua chácara da Lávca e lhe pedira que o examinasse, verificando então que o pobre moço sofria de manifesta e irreversível deformação sexual.

"Tal circunstância de que, só agora, 40 anos depois da morte de Raul, se tem conhecimento, põe muita luz em certos as-

pectos de sua vida e explica fisiológica e sociologicamente, acentuados traços de seu temperamento." ("Minhas Memórias dos Outros", pág. 265).

Rodrigo Otávio deveria ter acrescentado que tal fato explica também psicanaliticamente o comportamento de Raul Pompéia. Está assim, iniludivelmente, caracterizado o complexo de castração que o tornou um psicastênico.

E foi a irritabilidade resultante dessa psicastenia que o levou tão cedo à morte pelo suicídio.

Rememoremos.

Clavo Bilac era cronista do jornal de José do Patrocínio — Cidade do Rio. Diariamente, saíam crônicas de sua autoria com o pseudônimo de Fantasio. Um dia, preguiçosamente, pediu a um companheiro que se incumbisse da crônica. O colega, atendendo ao seu pedido, escreve uma crônica em que tomava por assunto certos rumores desabonadores acerca de Raul Pompéia. Não satisfeito, ainda a assinou com o pseudônimo de Clavo Bilac. Este, grande amigo de Pompéia, logo que a leu, desorientado, saiu à procura de Raul para dar-lhe uma explicação. Infelizmente, não o encontrou. No dia seguinte, saía a resposta violenta e injuriosa a Bilac, escrita por Pompéia. No Cailteau, ao avistar-se com ele, Bilac esbofeteara-o. A muito custo, conseguiram os amigos evitar que eles se engalfinhassem.

Raul desafia Bilac para um duelo que não se realizou por interferência da polícia.

Pompéia fica como louco, ameaçando matar Clavo, de qualquer modo.

Segundo encontro marcado porou também por causa do aparecimento da polícia.

Um terceiro encontro foi marcado no estúdio de Rodolfo Bernardelli.

Nã hora em que os dois contendores se defrontaram, as testemunhas, achando que já haviam revelado decidida disposição de bater-se, consideravam diminuídas quaisquer ofensas entre um e outro e, assim, davam por encerrado o incidente.

Tal solução levou Rui Pompéia a completo desespero. Sentia-se desonrado, envergonhado. Dia a dia agravava-se o seu estado neurótico. Levaram-no para sua terra Natal, Angra dos Reis, para distraí-lo um pouco. A mãe e três irmãs tinham o cuidado de jamais deixá-lo sozinho. Não obstante, quando uma das irmãs, a seu pedido, foi buscar-lhe uma xícara de leite, êle, aproveitando-se do curto instante de isolamento, desfechou um tiro no coração. Quando as irmãs chegaram junto d'êle, já entrara em agonia.

Celebrava-se nesse dia o Natal: 25 de dezembro de 1895.

O LABOR LITERÁRIO DE RAUL POMPEIA

"Ele trouxe uma organização de herói; sua capacidade cerebral, sua cultura e o meio onde se desenvolveu evidenciaram-no como um pensador, um esteta (que é um modo de ser poeta) e um político teocrata.

"O Ateneu, as Cancões sem Metro e os seus trabalhos políticos, juntos aos poucos discursos que ele produziu, cercado de circunstâncias que é preciso não desconhecer, falam d'ele tão eloquentemente quanto uma obra pode falar de um homem. Sua vida, suas ações, que a trafigão recolheu e irá conservando como um halo de apoteose em torno da obra representada pelos livros que ele deixou, completam-lhe o vulto."

Nestor Vitor. *X*

Segundo Rodrigo Etávio, o primeiro trabalho literário de Raul Pompéia foi uma pequena novela intitulada "Clarinha da Pe-

dreira". Ele a teria escrito aos 16 anos e publicado num pequeno jornal de que foram tirados, em separata, alguns exemplares. Essa informação foi dada pelo próprio Raul a Rodrigo Otávio, embora não lhe tenha mostrado algum exemplar. Até hoje, que se saiba, ninguém mais teve conhecimento dessa obra. X

Em 1880, publicou um romancinho, "Uma Tragédia no Amazonas", que teria escrito em 1878 ou 1879. Quase todos os historiadores da literatura brasileira citam esse romance, mas parece-nos que a única pessoa que o leu de fato, foi Capistrano de Abreu que interessantes observações deixou a respeito. Eis o que ele nos conta: X

"Sua Tragédia do Amazonas (é o romance de que falei) é um esforço audacioso. O autor não é nortista; nunca foi ao Norte; é provável mesmo que nunca tenha lido viagem ao Norte. Entretanto, com a Geografia de Abreu e com o Atlas de Cândido Mendes, meteu mãos à obra e levou-a a termo.

"Notem bem este título: Tragédia. O talento de Pompéia é ultratrágico.

"Não há uma pessoa que não morra na Tragédia.

"Por quê? Disse-me um seu companheiro que para demonstrar que não há Providência. Disse-me ele que por ser a morte a única coisa séria da vida. Escolham o que quiseram. O certo é que, até pouco tempo, não havia um conto seu, mesmo microscópico, em que não morresse alguém. Agora ele contenta-se em mutilar ou desfigurar os personagens. Já é um progresso. Além de correto-nalmente trágico, Pompéia é refratário ao cômico. Já lhe viram alguma página espirituosa? Sabem algum dito engraçado seu? Lembra-se de alguma gargalhada sua, franca e gostosa? Por minha parte, respondo: Não, a todos os quesitos. Na sua concepção de

romance, ainda há resquício do romancalhão. Ainda há roubo, assassinatos e cours de main. O deus ex-machina põe de vez em quando a calva à mostra. Os propulsores usurpam o lugar das molas íntimas. Entretanto, é feroz reconhecer que tem melhorado." X

Transcrevemos até para ver-se que a única pessoa que teria lido o romance "Uma Tragédia no Amazonas", não nos dá uma idéia precisa da obra, chegando até a alterar-lhe o título. Caspitrano publicou esta crítica a 27 de fevereiro e 28 de março de 1882, X depois ela foi transcrita em o nº 14, de julho de 1920, na Revista da Academia Brasileira de Letras, e, finalmente, nos "Ensaaios e Estudos", 1ª série, 1931, págs. 239 a 241. X

Na revista "A Comédia", de São Paulo, publicou, em 1881, Microscópicos, contos curtos, originais e muito apreciados. Em 1882, durante o período de férias, na Gazeta de Notícias, do Rio, publicou diversos contos em folhetins, e, no mesmo jornal, anônima-mente, saiu a terrível sátira "As Jóias da Corca", em março de 1883. X

Na Gazeta da Tarde, começou Raul Pompéia a publicar, em 1886, "Alma Morta" que "é um trabalho em que deduz em opulentos capítulos o seu modo de ver o mundo e a sociedade, a sua filosofia triste e desanimadora. São páginas profundas e admiráveis, em que o pessimismo do autor se concretiza e acentua; foram escritas em 85, a meu lado, no Recife, ao tempo em que juntos morávamos no pitoresco arraial do Caxangá, esparsa à margem do Capiberibe, de tantas tradições." (Rafael Otávio, "Minhas Memórias dos Outros", 1ª série, pág. 269).

Já em 1881, havia publicado as "Cancões sem Metro", poemas em prosa, que o revelam como poeta panteísta. São verdadeiras filigranas de apuradíssimo gosto literário. 1883

* mais tarde republicada sob o
título Cartas para o Futuro
* Gazeta de Notícias

Deixou inacabado ainda um romance, "Agonia", cuja história sentimental gira em torno de uma adolescente.

Finalmente, a 8 de abril de 1887, um domingo, inicia a publicação de seu romance "O Ateneu", a sua "Crônica de Saudades", que, em 1888, deu à publicidade em volume.

"O Ateneu" é o mais valioso romance psicológico da literatura. Nêle Raul Pompéia vazou todo o seu temperamento a par de seus complexos e de suas neuroses. É uma obra em que escarpela, impiedosamente, o internato, em que azorraga sádicamente os que tripudiaram da sua infância e da sua adolescência. Mas, apesar de tudo, procurou mascará-lo. Ninguém tem dúvida, contudo, que ali se encontra o Colégio Abílio, que o seu Diretor é o Dr. Abílio de César Borges, que o menino Sérgio representa Raul d'Ávila Pompéia. O colégio a que êle dá o nome de Ateneu, êle o situa no Rio Comprido, quando o Colégio Abílio ficava na rua do Ipiranga, nº 4, nas Laranjeiras; dá ao Diretor o nome pomposo de Aristarco Argolo de Ramos. Tudo isso, porém, não foi bastante para esconder a verdade: a coincidência era muito grande.

Todavia, malgrado o fel que "O Ateneu" destila, é êle valiosíssima obra, seja literariamente, seja pedagogicamente, seja psicanaliticamente.

Sob o ponto de vista literário, êle se apresenta com quase todos os predicados requeridos por uma obra de literatura. Seu estilo é correto, conciso, claro, harmonioso, original e vigoroso.

Já houve quem o apontasse como galicista, principalmente na sintaxe. Admitamos que tivesse êsse defeito. Mas onde o encontraram? É apenas uma afirmação gratuita, leviana, de vago purismo. Deno-lo com o máximo de cuidado, procurando regis-

uma coisa o que nos pudesse ser útil para a elaboração desta tese. Não lhe encontramos solecismos, erros que mais poderiam desagradar. Se aparece uma ou outra palavra bárbara, apresenta-se, como deve ser, grifada, no que não há nenhum mal. Na página 11 do seu romance, encontramos grande tenue; na página 29, bras dessus, bras dessous; na página 62, saut-de-mouton; na pág. 63, petite-mâtres e dandys, atualmente já aportuguesados em petimetres e dôndis; na pág. 76, sportmen; na página 77, passe-partout; na pág. 81, pur sang; na pág. 82, não grifado, stock, hoje aportuguesado em estoque e com derivados como estocar, estocagem, estocador; na página 101, clearing-house; na pág 103, leader, hoje aportuguesado em líder e com derivados como liderar, liderança; na página 105, bird's eye; na pág. 125, tour du monde; na pág. 158, Kindergarten; na pág. 173, spleen (duas vezes); na página 215, ship-chandler; na pág. 221, femmes qui sortent; na pág. 224, chalet, já aportuguesado em chalé. Não são muitos os estrangeirismos para uma obra de 274 páginas de compacta impressão. Mais encontraríamos numa obra de Camilo, mais ainda numa de Garrett, muito mais ainda numa de Eça de Queirós.

Nenhum arcaísmo se nos deparou. Nenhum neologismo de sua criação.

José Cisticica, que é exigentíssimo em concisão, a ponto de não relevar a prolixidade em ALEXANDRE HERCULANO, VISCONDE DE TAUNAY, ALMEIDA GARRETT, JÚLIO DINIS, não aponta FOLPÉIA como escritor prolixo.

Não se encontram em sua obra anfibologias, sêquises, anacolutos viciosos, imprecisões, acumulamentos, má pontuação.

Seu estilo se caracteriza pela ausência de cacófatos, assonâncias, aliteraões, hiatos interverbais.

Suas frases são constituídas por períodos bem ritmados

e variados.

Na descrição de seus companheiros de classe, surge como admirável retratista, dando-nos a conhecer algo de fisionomia, como se pode apreciar no seguinte trecho:

"Os companheiros de classe eram cêrca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia. O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de sínio — palhaço dos cutros, como dizia o professor; o Nascimento, o Bi-canca, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma fouce; o Álvares, moreno, canho carregado, cabeleira espessa e intensa de vate de taverna, violento e estúpido, que Mânlio atormentava, designando-o para o mister das plataformas de bonde, com a chapa numerada dos recebedores, mais leve de carregar que as responsabilidades do estudo; o Almeidinha, claro, translúcido, rosto de menina, faces de um rosa doentio, que se levantava para ir à pedra com um vagar lânguido de convalescente; o Maurílio, nervoso, insofrido, fortíssimo em tabuada: cinco vêzes três, vêzes dois, nove fora vêzes sete?..." ("O Ateneu", págs. 33 e 34).

A cada passo, surgem no romance comparações graciosas e belíssimas metáforas.

Enfim, estilisticamente, é "O Ateneu" uma obra modelar.

José Veríssimo, a seu respeito, exarou o seguinte juízo: "... Raul Pompéia deu no Ateneu a amostra mais distinta, se não a mais perfeita do naturalismo no Brasil. Ao contrário dos seus dois principais êmulos nessa moda literária, Aluísio de Azevedo e Júlio Ribeiro, que, achegando-se demasiadamente ao seu figurino francês, sacrificaram-lhe a originalidade que acaso tinham, Raul Pompéia, com dotes de pensador e de artista é o mais original e o

mais distinto produto da escola aqui, sem ser tão bem composto como os melhores de Aluísio de Azevedo." ("História da Literatura Brasileira", pág. 298).

Até hoje, infelizmente, não teve a obra de Raul d'Ávila Pompéia o galardão que merece: uma impressão digna com publicação total e perfeita revisão crítica.

A PSICOLOGIA PROFUNDA E "O ATENEU"

"A psicanálise pode ser considerada a herdeira direta das tendências afetivistas, em psicologia, que nos trouxeram, com Ribot e Heinrich Meier, a noção da relatividade da lógica, com o pensamento emocional e a psicologia da afetividade.

"Não surgiu ex-nihilo, como um "sistema filosófico com uma doutrina completa e acabada" (Freud). É filha da experiência e, nos seus inícios, utilizou o material patológico, como o fizeram Charcot, Bernheim, cujas clínicas Freud frequentou, e Janet, cuja teoria das nevroses tem sido muitas vezes emparelhada com as primitivas descobertas da psicanálise."

x Artur Ramos.

A leitura do "Ateneu", em certas passagens, produz-nos uma grande surpresa: parece que temos diante de nós páginas de uma obra cujo fim fôsse a divulgação de noções de psicanálise. É, sem dúvida, uma presciência, pois, na época em que foi escrito

o "Ateneu", ainda se desconheciam os estudos de psicologia profunda.

"Em seu "Esquema de Psicanálise", publicado em 1910, diz Sigmund Freud:

"A psicanálise nasceu, por assim dizer, com o século XX. A obra com a qual se apresentou ao mundo como algo de novo, minha Interpretação dos sonhos, veio à luz em 1900." (In volume X das Obras Completas, pág. 65).

Fois bem, já em 1888, data da publicação do "Ateneu", Raul Pompéia, ao dar um conceito de arte através do discurso pronunciado por uma personagem do romance, assim se exprime:

"Arte, estética, estesia é a educação do instinto sexual.

"A manutenção da existência individual tem a razão de ser no instinto de vitalidade da espécie. O momento presente das gerações nada mais é que a ligação prolífica do passado com a posteridade. E a razão de ser das espécies? A indagação não perscruta.

"Para que o indivíduo perdure, momento genésico da existência específica no tempo, é indispensável adaptar-se às imposições do meio universal. O rio a correr não despreza o detalhe do mais insignificante ramanso, nem pode sofismar o obstáculo do menor rochedo no álveo. O critério inconsciente do instinto é o guia da adaptação.

"O esforço da vida humana, desde o vagido do berço até o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável. Os sentidos são como as antenas salvadoras do inseto titubeante; vão ao encon-

tro das impressões, avisadores oportunos e cautelosos.

"A cada mundo de sensações notáveis corresponde um sentido. Os sentidos, teoricamente delimitados, são cinco, múltipla transformação de processo de um único — o tato, exatamente o sentido rudimentar das antenas.

"Faz-se, tateando instintivamente a procura dos agradáveis: agradável visual, agradável gustativo, agradável tangível, em suma. O agradável é essencialmente vital; se é às vezes funesto, é porque o instinto pode ser atraído pelas ilusões.

"A perfectibilidade evolutiva dos organismos em função, manifestando-se prodigiosamente complexa, no tipo humano, corresponde à revelação, na ordem animal, do misterioso fenômeno da personalidade, capaz de fazer a crítica do instinto, como o instinto faz a crítica da sensação.

"A informação de reportagem de cada sentido não desperta, portanto, no homem a atividade cerebral dos impulsos de preferência, de repugnância, simplesmente, como nos outros animais; mas amplia, pela psicologia inteira dos fenômenos espirituais, a variedade infinita das comparações, permutadas de mil modos na unidade do espírito como as peças de um jogo maravilhoso sobre o mesmo pano.

"Duas são as representações elementares do agradável realizado: nutrição e amor.

"Os animais inferiores, não favorecidos por um razoável coeficiente de progresso, produzem secularmente a condição de inferioridade: olham, tocam, farejam, ouvem, não provam com demasiado escrúpulo e devoram grosseiramente para depois amar, como sempre fizeram." ("O Ateneu", págs. 134 e 135).

O discurso ainda se estende até a página 144, seguindo sempre a mesma orientação cujas idéias contrais al o se identificam com a teoria psicanalítica.

Vejamos o que diz Sigmund Freud acêrca do interêsse da psicanálise para a Estética:

"A psicanálise conseguiu resolver também satisfatoriamente alguns dos problemas ligados à arte e ao artista. Outros lhe escapam inteiramente. Reconhece também no exercício da arte uma atividade destinada à mitigação de desejos insatisfeitos, tanto no artista como no espectador da obra. As fôrças impulsoras da arte são aquêles mesmos conflitos que levam a outros indivíduos a neurose e a sociedade à criação de suas instituições. O problema da origem da capacidade artística criadora, não compete à Psicologia resolvê-lo. O artista procura, em primeiro lugar, sua própria liberação, e a consegue transmitindo sua obra àqueles que sofrem a satisfação de iguais desejos." (In "Novas Contribuições à Psicanálise — Múltiplo Interêsse da Psicanálise," vol 17 das Obras Completas de Sigmund Freud, pág. 219).

Além do Complexo de Castração já explicado e documentado na página 19 desta tese, outros aspectos psicanalíticos se encontram no "Ateneu".

Nota-se-lhe a vaidade pela beleza da forma, o que vem a ser uma espécie de narcisismo literário. Daí a preocupação de exaltar-se na oratória, quando dá a palavra a um professor do "Ateneu":

"A vogal, símbolo gráfico da interjeição primitiva, nascida espontaneamente e instintivamente do sentimento, sujeita-se à variedade cromática do timbre como os sons dos instrumentos de música. Gradua-se em escala ascendente u, o, a, e, i, possuindo

uma variedade infinita de sons intermediários, que o sentimento da eloquência sugere aos lábios, que se não registram, mas que vivem vida real nas palavras e fazem viver a expressão, sensivelmente enérgica, emancipada do preceito pedagógico, de improviso, quase inventada pelo momento." ("O Ateneu", pág. 141).

Em quase toda a obra, notam-se-lhe aplicações autoeróticas, quando se introverte, transformando os carinhos maternos de D. Ema, a esposa de Aristarco, em afagos de caráter sexual.

A cada passo da obra surge flagrantemente a libido de Pompéia, o que positiva seus complexos inconscientes, sublimados em seus sonhos amorosos.

Vê-se pelas ilustrações que adornam a obra de Pompéia, a sua tendência para a alegria, para o chiste. He entanto, sabemos ter sido um impulsivo que só se acalmava diante do carinho feminino, real ou imaginário. Era, pois, um ciclotímico, isto é, um indivíduo em que se alternavam os estados imotivados de alegria e de tristeza.

Seria impossível esgotar-se a análise da obra-prima de Raul Pompéia. Os inúmeros exemplos que nela encontramos, giram sempre em torno dos mesmos aspectos psiconeuróticos já apontados e estudados, os quais se podem condensar perfeitamente na seguinte classificação- ele foi um psicastênico ciclotímico em que predominaram os complexos de castração e de inferioridade, em grande parte sublimados através de suas obras de arte, que o situam entre os grandes escritores da literatura Brasileira.

CONCLUSÕES

O presente ensaio de interpretação psicanalítica e estilística que, data venia, temos a honra de submeter à abalizadíssima apreciação da Colenda Congregação do Colégio Pedro II, bem como ao superior juízo da Comissão Examinadora que julgará os candidatos a uma cátedra de Português no Colégio Pedro II (Internato), nos permite chegar às conclusões que abaixo exaremos.

Não poderíamos, entretanto, deixar de esclarecer que a matéria se prestaria a apreciação mais longa e, desde já, emparamos-nos para melhores esclarecimentos, quando formos honrados superiormente com as sábias e justas objeções de nossos examinadores.

De todo o exposto, permitimo-nos concluir o seguinte:

1ª — A obra de Raul d'Ávila Pompéia se identifica perfeitamente com os princípios do Naturalismo, sem ter atingido, porém, os exageros do romance experimental preconizado e realizado por Emile Zola.

2ª — A fisionomia de Raul d'Ávila Pompéia bem como a análise do seu temperamento mostram ter sido ele um psicastênico ciclotímico.

3ª — A obra "O ATENEU", além de ser um romance de parte de sua infância e de sua adolescência, é fruto, em muitas passagens de seus complexos de castração e de inferioridade.

4ª — O estilo de Raul Pompéia não só repele as injustas críticas de impurezas, mas ainda o coloca entre os melhores escritores **brasileiros**, pelas suas admiráveis qualidades de concisão, clareza, harmonia, originalidade e vigor, bem como pelas suas qualidades descritivas, principalmente as que se referem a retratos físicos e morais.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, J. Capistrano de — Ensaio e Estudos (Crítica e História), 1ª série, 1931.
- ABREU, Jorge — História da Literatura Nacional, Rio, 1930.
- ALVES, Isaias — Vida e Obra do Barão de Macahubas, Rio, 1936.
- ANDRADE, Mario — Raul Pompéia: "O Atheneu" (in "Revista do Brasil", maio de 1941, n. 33, ano IV, 3ª fase).
- AUTORES E LIVROS — Suplementário de "A Manhã", nº 19, de 21/12/1941 — Raul Pompéia.
- * BARROS, Enéias Martins de — em colaboração com Modesto de Abreu
Curso de Português — Curso Colegial — Segunda série — 2ª edição — 1954. ②
Curso de Português — Curso Colegial — Terceira série, 1954.
- * BARROSO CAMPINHOS, Newman José — Português, 2º ciclo, São Paulo, s. d. ②
Português, 2º ciclo, 3ª série, São Paulo, s. d.
- BAUDOUIN, Charles — Psicoanálisis del Arte (Traducción de Marcos Fingerit), Buenos Aires, 1946.
- BOUITS, Paulo — em colaboração com Camilo Bouits — A psicognomia (Caraterologia) — Tradução, Rio de Janeiro, São Paulo, 1943.
- BRANT HORTA — Análise Literária e Noções de Literatura — 3ª edição, Rio de Janeiro, 1942.
- * BUDIN, J. — em colaboração com Sílvio Elia — Compêndio de Língua e de Literatura, 2º volume, para o 2º ano colegial e 1º ano normal, 1953. ①
- CARPEAUX, Otto Maria — Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira, 1952. 14
- CARVALHO, Ronald — Pequena História da Literatura Brasileira, 5ª edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, 1935.
- CASTAGNINO, Raul H. — El Análisis Literario, Buenos Aires, 1935.
- COSTA MARQUES, F. — Problemas de Análise Literária (Princípios e Exemplificações), Coimbra, 1948.
- CRUZ, P. Antônio da — Arte da Composição e do Estilo, Petrópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, 1951.
- DENIS, J. Seabra — Psicanálise, Lisboa, s. d.
- FERREIRA, Joaquim — Sinopses de Literatura Portuguesa, Porto, s. d.
- " " — História da Literatura Portuguesa, 2ª edição, Porto, s. d.
- FIGUEIREDO, Fidelino de — História da Literatura Realista (1871-1900), 3ª edição, revista, São Paulo, 1946.
- FORTES, Agostinho — em colaboração com Albino Forjaz de Sampaio — História da Literatura Portuguesa (Manual Escolar profundamente ilustrado), Lisboa, 1936.
- * FREITAS, Bezerra de — História da Literatura Brasileira para o Curso Complementar, Porto Alegre, 1939. ①
- " — Forma e Expressão no Romance Brasileiro, 1947.
- FREUD, Anna — Introdução técnica da Análise Infantil, 1934.
- FREUD, Sigmund — Obras Completas, 18 volumes, tradução brasileira.
- F. T. D. — Literaturas Estrangeiras, Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, 1931.

- F. T. D. - Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, 1930.
- GESLIN, Lucien - Manuel Pratique de Littérature, Paris, 1950.
- GRANGES, Ch.-M des - et Ch. Charrier - La Littérature Expliquée, Paris, 1950.
- GRIECO, Agripino - Evolução da Prosa Brasileira, 2ª edição, revista, 1947.
- GUERRA, Alvaro - Introdução ao estudo da literatura, S. Paulo, 1930.
- HENNEQUIN, Emilio - A Critica Scientifica, Tradução de Agostinho Fortes, Lisboa, 1910.
- JARDIM, Renato - Psychanalise e Educação, S. Paulo, s. d.
- * JUCÁ, Cândido - Curso de Português, 2º ano Colegial, São Paulo, 1954. ①
- Kohnen O. F. M., Frei Mansueto - Síntese Histórico-Literária das Letras Germânicas, S. Paulo, 1948.
- * LACERDA, Virgínia Côrtes de - Unidades Literárias (Literatura Brasileira), 3ª série dos Cursos Clássico e Científico, Rio, 1952.
- " - Unidades Literárias (História da Literatura Portuguesa, Antologia, Gramática aplicada e sistematizada, 2ª série dos Cursos Clássico e Científico, Rio, 1953. ②
- LANSON, Gustave - Histoire de la Littérature Française, Paris, 1947.
- * LEITE RIBEIRO, Clóvis - em colaboração com Filipe Jorge, José Lourenço, Válder Wey - Língua Portuguesa, 2ª série, curso colegial, 9ª edição, 1952. ②
- " - Língua Portuguesa, 3ª série, curso colegial, 6ª edição, 1951.
- * LÉLLIS, Raul Moreira - Português no Colégio, Curso Clássico e Científico, 2º ano, São Paulo, 1953. ①
- LIMA, Sílvio - Ensaio sobre a essência do ensaio, S. Paulo, 1946.
- LINS, Álvaro - História Literária de Eça de Queiroz, 2ª edição, revista, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, 1945.
- LOPES, Oscar - em colaboração com Júlio Martins - Breve História da Literatura Portuguesa, 3ª edição, Lisboa, 1945.
- * MARQUES DA CRUZ, José - Português Prático, para a 2ª série do "Colégio" Clássico e Científico, S. Paulo, 1944. ②
- " - Português Prático, para a 3ª série do "Colégio" (Clássico e Científico), S. Paulo, 1944.
- MARTINO, P. - Le Naturalisme Français, Paris, 1945.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia - Prosa de Ficção (In "História da Literatura Brasileira" sob a direção de Álvaro Lins, vol. XII), Rio de Janeiro, S. Paulo, 1950.
- * MONTEIRO, Clóvis - Nova Antologia Brasileira, 5ª edição, 1937. ①
- MORNET, Daniel - Histoire de la Littérature et de la Pensée Françaises Contemporaines (1870-1934), 4ª tiragem, revista e aumentada. Paris, 1927.
- OITICICA, José - Manual de Estilo, 4ª edição, 1940.
- OCTAVIO, Rodrigo - Minhas Memórias dos Outros, 1ª série, Rio de Janeiro, 1934.
- OSÓRIO DE OLIVEIRA, José - História Breve da Literatura Brasileira, S. Paulo, s. d.
- * PALHANO, Herbert - Literatura Portuguesa, 2ª série, Curso Colegial, 1954. ②
- PEIXOTO, Afrânio - Noções de História de Literatura Geral, Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo-Horizonte, 1932.
- " - Panorama da Literatura Brasileira, 1940.
- * PENNA DA ROCHA, Mário - em colaboração com Carlos Henrique da Rocha Lima e Raul Moreira Léllis - O Programa de Português no 2º ciclo, História da Literatura Portuguesa, Gramática - Antologia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Belo Horizonte, 1942. ②

- PEREGRINO JÚNIOR - Problemas Psicológicos do Romance Brasileiro
(in "Curso de Romance, conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras), Rio de Janeiro, 1952.
- PEREIRA DA SILVA, H. - Graciliano Ramos - Ensaio crítico-psicanalítico, Rio, 1950.
- PEREIRA DA SILVA, Gastão - Para compreender Freud, 3ª edição, s. d.
- " - Conhece-te pelos sonhos, s. d.
- * PIMENTEL, Iago - Noções Psicologia aplicadas à educação; 6ª edição (revista), s. d.
- POMPEIA, Raul - O Atheneu (Chronica de Saudades), 7ª edição definitiva, s. d.
- POMPÊIA, Raul - Canções sem Metro (da Collecção "Vida Literária" dirigida por Eloy Pontes), s. d.
- PONTES, Eloy - A vida inquieta de Raul Pompéia, Rio, 1935.
- PORTO-CARRERO, J. P. - A Psicologia Profunda ou Psicanálise, Rio, 1932.
- " - Grandeza e Misérias do Sexo, Rio, 1934.
- " - Sexo e Cultura (Ensaio de Psicanálise), Rio, s. d.
- " - Psicanálise de uma Civilização, Rio, s. d.
- " - Ensaio de Psicanálise, 2ª edição, Rio, 1934.
- " -
- RAMOS, Arthur - Freud, Adler, Jung (Ensaio de psychanalyse orthodoxa e heretica), Rio, s. d.
- RIBEIRO, João - Crítica, volume I, Clássicos e Românticos Brasileiros, 1952.
- ROMERO, Sílvio - em colaboração com João Ribeiro - Compendio de História da Literatura Brasileira, 2ª edição refundida, 1909.
- ROMERO, Sílvio - História da Literatura Brasileira, cinco tomos, 5ª edição, Rio, 1953.
- SALAZAR, Abel - O que é a Arte?, S. Paulo, 1940.
- * SALES CAMPOS, Antônio - Português Colegial, 2ª série colegial, S. Paulo, 1949.
- " " " - Português Colegial, 1ª série colegial, 2ª edição, S. Paulo, 1950.
- " " " - Português Colegial, 3ª série do ciclo colegial, 2ª edição, 1951.
- S. de F. - Pequeno Compendio de História da Literatura Brasileira, S. Paulo, 1926.
- SIMÕES, João Gaspar - Liberdade do Espírito (ensaio), Porto, s. d.
- SIWEK, Paulo - A Psicanálise, 1945.
- TAINÉ, H. - Philosophie de l'Art, 42º milheiro, Paris, 1948.
- VALERIO, Américo - Machado de Assis e a Psychanalyse, Rio, 1930.
- " " - José de Alencar (Freudiano), Rio, 1931.
- " " - Graça Aranha, Rio, 1932.
- VERISSIMO, José - História da Literatura Brasileira, 3ª edição, Rio de Janeiro, 1954.
- VICTOR, Nestor - A Crítica de Hontem, 1919.
- WEISS, Eduardo - Elementos de Psicanálise (Tradução do Dr. Dionelio Machado), Pôrto Alegre, 1934.
- WELLEK, Rene - em colaboração com Austin Warren - Teoria Literária, Madrid, 1953.
- * WEY, Válder - Língua Portuguesa, Segunda Série, Curso Colegial, S. Paulo, 1953.

